

Prof. Pedro Chaves e a imortalidade na Educação

RUBENIO MARCELO – poeta escritor e ensaísta, Cadeira nº 35 da ASL

Já detentor da sua imortalidade literária, ao ter sido eleito, em 2017, para a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), assumindo a titularidade da Cadeira nº 19 desta representativa Casa de Ulysses, o prof. Pedro Chaves dos Santos Filho alcança agora – novamente por méritos próprios e justo reconhecimento – a condição de Imortal também da Academia Brasileira de Educação (ABE), Titular da Cadeira nº 32, em significativa eleição que ocorreu neste dia 13 de junho p.p.

Fundada em 1977 e com sede no Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Educação congrega relevantes personalidades e ícones do segmento da Educação e Tecnologia do nosso país. Compõem atualmente a ABE nomes como, por exemplo: Arnaldo Niskier (membro e ex-presidente da Academia Brasileira de Letras), Gabriel Chalita (da Academia Paulista de Letras) e Heitor Gurgulino de Souza, este inclusive foi reitor da renomada Universidade das Nações Unidas.

Conforme consta em documento da valorosa Academia Brasileira de Educação, a instituição “tem por objetivo maior debater os problemas educacionais e sugerir soluções que levem à melhoria da qualidade da educação brasileira, visando sempre a colaborar para o desenvolvimento da educação, em todos os graus e ramos do ensino; concorrer para o aprimoramento cultural do País; e resguardar a memória e o trabalho dos grandes vultos nacionais e internacionais que se destacaram no campo da educação. Promo-



Insígnia da Academia Brasileira de Educação

“Fundada em 1977 e com sede no RJ, a ABE congrega relevantes personalidades do segmento da Educação e Tecnologia do nosso país”

ve seminários e congressos nacionais, reunindo educadores de todo o País”.

Pedro Chaves dos Santos Filho é professor, conferencista, empresário, escritor e ex-senador da República. Integra o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e é também membro efetivo da ASL. É autor e

coautor de várias obras publicadas. Diplomado em Economia pela Universidade de Campinas, possui curso de formação educacional universitária na Universidade de Michigan (USA). É Doutor Honoris Causa pelo Centro Universitário de Brasília. Nasceu em Campo Grande (MS), onde foi um dos fundadores da Escola Mace (juntamente com seu irmão Plínio e sua irmã Therezinha) e da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – Uniderp, instituição da qual foi reitor. Fundada em 1969, a Mace (Moderna Associação Campo-Grandense de Ensino) teve início do ano letivo em 1970 – com arrojadas iniciativas e rápido crescimento, superando expectativas, a escola já contava com cerca de mil e duzentas matrículas em 1971, ano em que aconteceu o matrimônio do professor Pedro Chaves com a educadora Reni Domingos dos Santos, que desde os primeiros instantes esteve efetivamente engajada na instituição de ensino que conquistou o respeito de MS e também nacional.

Falar da trajetória de Pedro Chaves dos Santos Filho é estabelecer a saga de um lídimo vencedor, que – com determinação, inteligência, e plena dedicação ao trabalho – construiu e continua a construir admirável exemplo. Pertencente à linhagem dos homens de bem, pautando seu cotidiano com incansável mister e sempre ancorado na ética e na honradez, o prof. Pedro Chaves, com talento inato e fé inabalável (qual eterno aprendiz sempre a desbasta áspersos rochedos), tornou-se grife da Educação em Mato Grosso do Sul e no Brasil, edificando e imortalizando a sua arrojada e distinta história de vida.

Um mendigo inesquecível da Morena antiga...

GERALDO RAMON PEREIRA – Cadeira nº 39 da ASL

Coisa de dez minutos e o nome não vem. Deusdete... Donizete... Giusepe. Remexo, chocalho, rebusco, despejo a memória no chão da consciência: nada! Deu um branco. Também lá se vão umas bodas de prata pelo tempo. Eu era menino. E ninguém aqui por perto para me socorrer a lembrança. Vamos chamá-lo, convencionalmente, de... Ah! Lembrei-me: Joseti...

Mas, afinal, que importaria o nome?... se é escrito com um ou dois tês... Importante é o “tipo”, é o personagem que marcara indelevelmente o semblante das nossas ruas. Joseti – mais um mendigo imortal de Campo Grande – acha-se tão bem incrustado na minha memória quanto os paralelepípedos e ingazeiros demarcam a saudade da inesquecível Rua Y Juca Pirama, adentrando o Bairro Amambaí.

Estatura mediana, robusto, quicá gordo, a despeito da escassa alimentação e vida sub-humana. O porte volumoso preenchia sempre o mesmo paletó azul-marinho pardacento

(talvez o único resquício que lhe restasse do casamento), abotoado sobre a camisa social, outrora branca. Recordo-me da calça mais clara, que, na minha lembrança, desaparece ao nível dos seus joelhos, porque sempre a gente o observava dos joelhos para cima. Na minha mente, portanto, seu vulto caminha mutilado, sobrevoando nuvens de recordação, como se fora algum anjo de saudade... Saudade do Joseti, conhecido de todos, amigo dos gravatinhas e dos engraxates. Aquele homem sem pernas (na minha memória), já quarentão, tez pálida e sofrida, pervagando ali pela Rua Cândido Mariano, entre a Quatorze e a Calógeras, onde ainda o revejo nas evocações de um passado longínquo.

Há de estar você intrigado comigo. Talvez não haja encontrado, até aqui, motivos para que eu me detenha a descrever um tipo desses, embora diferente, afinal um tipo vulgar como o são os demais mendigos. Ocorre, porém, que Joseti, não obstante um cascalho do destino, trazia nos dedos e no cérebro os diamantes da sua originalidade: nos dedos, as gemas materiais, os topázios e rubis, embutidos no grande

número de anéis que lhe adornavam psicopaticamente ambas as mãos; no cérebro, as joias do saber. Joseti era um mendigo cujo conhecimento faria nada mal a muita gente-bem...

Mendigo-enciclopédia, no ponto de ônibus, deleitava-se a ensinar a tarefa aos alunos do então Colégio Estadual Campo-Grandense, sem opção de disciplina: o homem ia do latim à matemática. E eu gostava de ver os meus colegas, fardados como a gente (túnica e gravata preta), escorados no poste, cercados do “professor” Joseti, que os ensinava sorridente... Sorridente porque seria gratificado com algumas moedas, o doce prelúdio de um apetitivo, ali no bar da esquina. Geralmente, ao passar por eles, eu apeava da bicicleta só para ouvir as explicações do Joseti, às vezes mais didáticas do que as de alguns mestres... E quanto observei colegas meus a camelarem sob o sol do meio-dia, pois que haviam trocado a passagem do ônibus pela sabedoria de um mendigo!

Por esses fatos, escrevo com prazer e me recordo com pesar quando se me estampa ante os olhos da memória, imensa e negra, a pequena nota de jornal: “Morreu Joseti”.

O espelho nosso de cada dia

AMÉRICO CALHEIROS – Cadeira nº 4 da ASL

Torturada pelo medo da velhice e, por que não dizer, da feiura e da decrepitude, a rainha madrastra diariamente interpelava o pobre espelho-mágico acossado, diuturnamente, pelas apavoradas interrogações da rainha.

Essa cruel indagação, seguida da temível resposta, atravessou a roda do tempo, suplantou o imaginário e caiu, como a mão na luva, no cotidiano de tantos humanos atropelados pela inexorável marcha dos anos rumo à velhice.

Uma grande amiga minha um dia me disse: “A pessoa que passar a vida olhando-se no espelho está fadada à loucura”. Claro que foi uma afirmação drástica e ácida. Entretanto, como os espelhos não são mágicos e estão em todos os cantos, mostrando todos os ângulos, e como não mentem jamais, revelam sempre aquilo que a maior parte das pessoas não quer ver: a decomposição gradativa da juventude, do frescor, da beleza e, muitas vezes, junto com tudo isso, do brilho do viver.

A poetisa Cecília Meireles sabiamente diz em versos do seu poema Retrato: “Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: Em que espelho ficou perdida a minha face?”

numa construção pungente e doída das marcas que a idade traz, e com elas o vazio das perspectivas. Realmente, quem passa a vida inteira atento apenas aos reflexos que pairam nas superfícies dos espelhos, às aparências, ao externo, e utiliza-se disso como recurso mais importante para conquistar o sucesso, seduzir amigos e amantes e se fazer aceito, depara-se, ao final desse percurso chamado vida, com um espelho que reflete um retrato em frangalhos.

Particularmente, acredito, por outro lado, que o espelho foi feito para ser olhado, e não para ser adorado o que nele se reflete, como Narciso, que se apaixonou por si mesmo. Assim sendo, ele pode representar, quando visto com parcimônia, um permanente alerta para os cuidados que a pessoa deve dedicar ao seu eu físico e ao seu interior.

A longevidade está na ordem do dia e, com a ampliação da expectativa de vida, a cada década, no Brasil e no mundo, o espelho pode ser importante aliado no cuidado básico que cada um deve dedicar à sua saúde. Esta aliança indissociável, aparência x saúde, não pode mais ser desprezada. É também inevitável analisar aqueles que evitam o espelho, correndo dele como o diabo fuge da cruz, quase que numa definitiva negação da própria imagem, do pró-

prio ser, ou seja, aqueles que evitam enxergar-se por medo do que possam ver.

É importante, bom e inevitável analisar aqueles que evitam o espelho. Não para aprisionar-se a ele, e sim para libertar-se diariamente dos fantasmas que um futuro mal resolvido possa trazer. Envelhecer sim, entregar os pontos, jamais. E nisto o espelho da realidade em muito pode nos ajudar.

O espelho, essa mágica superfície da verdade, pode contribuir, e muito, com quem quiser vir a ser não o próprio espelho, mas servir-se do espelho, no sentido de ser exemplo para tantos quantos nele venham a se inspirar. Nem a rainha madrastra, com sua compulsão de beleza, nem a poetisa, com sua amarga visão, nem Narciso, com sua egoísta paixão, são brilhos interessantes a serem emanados desses tantos espelhos, presentes em tantos lugares e etapas da nossa vida.

Mas o espelho em que deixamos brilhar a verdade dos nossos sentimentos, dos nossos dias, das nossas rugas e das nossas vitórias, desde não devemos abrir mão nunca, e nem demos, porque ele não reluz de fora para dentro; ele está no íntimo de cada um de nós. Espelho, espelho meu, existe alguém mais feliz do que eu?

+POESIAS

Das Preces

aqui, prostrado,
deposito todos os meus devaneios
as minhas ingênuas fantasias
os meus encantamentos.

do mais alto farol
vejo o círculo do horizonte
que me aprisiona

nada mais desejo

sou afeito a extensões
mais profundas,
quero só o dízimo
das utopias!

ANA MARIA BERNADELLI

Todos os Dias

levantar e deitar todos os dias
comer e cagar todos os dias
beber e mijar todos os dias
filosofar não é problema
problema é a bobagem das coisas
o insondável
o insolúvel
o impossível da sapiência
o limpar de consciências
dos acontecimentos
para manter sonhos
do outro lado deste mundo
no profano da perenidade
na espiritualidade da eternidade
ao procurar transcender
mesmo assim você vai
levantar e deitar todos os dias
comer e cagar todos os dias
beber e mijar todos os dias
na bobagem das coisas
no insondável
no insolúvel
no impossível da sapiência

HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO

Estava Escrito

Estava escrito,
Era aqui o lugar onde aportaríamos,
Imigrantes,
Gente que passou provações.
Esta terra disse sim
A todos nós
E repartiu conosco a ternura da vida.
Este cerrado vermelho
Acolheu nossas nacionalidades,
Nossas preces
E nos uniu numa osmose de lama e luz.
Muitas histórias,
Grandes e humildes,
Construíram este sul do Mato Grosso,
Estava escrito.

RAQUEL NAVEIRA

Ave-Maria

Quando as sombras da tarde vêm chegando,
alongando nos campos nostalgia,
quantas lembranças, fico recordando
a minha mãe rezando a ave-maria.
Meu lugarejo, ao longe, tropejando,
na capelinha e sino então plangia,
e ao regaço materno me abraçando
bem descuidado eu a sonhar dormia.
Nos meus versos cantando com saudade,
na tristeza da minha soledade,
vivo somente de recordação.
E em meu entardecer constantemente
escuto o sino a badalar plangente
na capelinha do meu coração.

GERMÃO BARROS DE SOUSA

Microtexto

No sal do cocho,
só o ferro em brasa,
sem alforria alguma
dos seus senhores...

HUMBERTO ESPÍNDOLA